

incidência de ESAVI (19,53-21,50%), ocorridos sobretudo em até 48 horas após a vacinação (11,21-64,62%). Dor no local da aplicação foi bastante relatada (28,65-54,01%), com médias de intensidades de 5,73-6,05 (desvios padrão = 2,26-2,39); a demanda por consulta médica devido a qualquer ESAVI foi de 2,81% (199 de 7086 imunizações; variação de 1,11% para a BNT162b2 a 6,67% para a CoronaVac), e o afastamento foi de 7,89% (560 de 7098 imunizações; variação de 4,12% para a CoronaVac a 13,76% para a Ad26.COV2.S), sendo apenas 37 (0,52%) por período \geq oito dias. Em três das quatro doses, a BNT162b2 apresentou a menor necessidade de antitérmicos (16,1%-25,06%; $p < 0,001$). Indivíduos relacionados à assistência à saúde apresentaram menor taxa de afastamento devido a ESAVI na primeira dose (4,11 versus 8,66% nos demais participantes; $p = 0,020$).

Conclusão: A vacinação conferiu proteção satisfatória à comunidade universitária, sem demandar afastamentos ou atendimentos médicos em grande quantidade. ESAVI locais como dor no local da aplicação foram comuns, porém não ocorreu caso de reação aguda grave.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2024.104034>

EP-111 - FATORES ASSOCIADOS À FADIGA ENTRE ENFERMEIROS BRASILEIROS DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

Laelson Rochelle Milanês Sousa,
Milton Jorge de Carvalho Filho,
Paula Cassa Pedrassi, Renata Karina Reis,
Elucir Gir

Universidade Nove de Julho (UNINOVE), São Paulo,
SP, Brasil

Introdução: Enfermeiros assistenciais sofreram consequências físicas e psicológicas decorrentes da pandemia de COVID-19. Foram registrados altos índices de mortalidade e adoecimento mental, especialmente entre aqueles que atuaram na linha de frente. Entre essas consequências, destacou-se a fadiga como um importante indicador de alteração na saúde geral desses profissionais.

Objetivo: Identificar a prevalência de fadiga e fatores associados entre enfermeiros clínicos que atuaram na pandemia de COVID-19 nos anos de 2022 e 2023.

Método: Estudo transversal, analítico, realizado em todas as regiões do Brasil no período de outubro de 2022 a novembro de 2023, com enfermeiros clínicos que atuaram na assistência à saúde durante a pandemia da COVID-19. Usou-se análise de regressão logística binária para avaliar a influência das variáveis independentes sobre a presença de maiores níveis de fadiga. Foram usados os softwares SPSS, versão 20.0 e o Jamovi, versão 2.3.28.

Resultados: Participaram do estudo 4.268 enfermeiros de todas as regiões do Brasil. A prevalência de fadiga identificada foi de 73,3%. As seguintes variáveis tiveram associação estatisticamente significativa com maiores níveis de fadiga: sexo ($p < 0,001$); cor da pele ($p = 0,043$); regiões do país ($p < 0,001$); parte do estado ($p = 0,002$); diagnóstico de COVID-19 ($p < 0,001$) e doença crônica ($p < 0,001$). As variáveis “sexo

feminino” (ORA: 2,076; IC95%: 1,752-2,460, $p < 0,001$) e “ter tido diagnóstico de COVID-19” (ORA: 1,430; IC95%: 1,223-1,672, $p < 0,001$) foram independentemente associadas a maiores níveis de fadiga.

Conclusão: Conclui-se que a prevalência de fadiga entre enfermeiros foi elevada. Urge a necessidade de estratégias de manejo da fadiga e redução de seus efeitos sobre a saúde geral dos enfermeiros diante de eventos inesperados como a Pandemia de COVID-19.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2024.104035>

EP-112 - PRODUÇÃO CIENTÍFICA MUNDIAL SOBRE FADIGA ENTRE ENFERMEIROS CLÍNICOS DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

Paula Cassa Pedrassi,
Milton Jorge de Carvalho Filho,
Laelson Rochelle Milanês Sousa,
Renata Karina Reis, Elucir Gir

Universidade Nove de Julho (UNINOVE), São Paulo,
SP, Brasil

Introdução: A pandemia de COVID-19 acarretou consequências físicas e psicológicas para profissionais de saúde que atuaram na linha de frente da assistência, especialmente em serviços específicos para detecção e tratamento da doença. Enfermeiros de diversas partes do mundo foram afetados de forma negativa pelas consequências da pandemia, o que resultou em abandono dos postos de trabalho, adoecimento físico, adoecimento mental e morte.

Objetivo: O objetivo do estudo foi mapear a produção científica mundial sobre fadiga entre enfermeiros que atuaram na pandemia de COVID-19.

Método: Estudo bibliométrico realizado em novembro de 2023 nas bases de dados: SCOPUS; Web of Science e PubMed. A pesquisa foi norteada pela seguinte questão de pesquisa: qual a produção científica mundial sobre a ocorrência de fadiga entre enfermeiros que atuaram no combate à pandemia de COVID-19? Foi obtido um total de 1.198 documentos (512 Scopus + 410 WoS + 272 PubMed). Foram excluídos 492 documentos repetidos, o corpus final para a análise bibliométrica foi composto por 706 documentos. Os dados foram analisados por meio do software Bibliometrix, uma ferramenta R para análises bibliométricas abrangentes.

Resultados: Quanto aos países de origem das publicações, a maioria concentrou-se nos Estados Unidos, sendo o país a liderar as pesquisas na área, com 205 produções, seguido pela China (182), Espanha (80) e Itália (74). Contudo, o país mais citado é a China (6.093), seguido pelo Reino Unido (1.857) e Estados Unidos (1.590). Regiões como Oriente Médio, Europa e Oceania também tiveram produção científica relevante. As áreas temáticas mais abordadas pelos estudos foram: saúde mental; qualidade de vida e epidemiologia.

Conclusão: Conclui-se que as pesquisas no campo da enfermagem apresentaram uma ampla distribuição mundial com predominância em dois países. Além disso, o foco dos estudos concentrou-se em saúde mental, qualidade de vida e

epidemiologia. Apesar de alguns estudos terem abordado intervenções para a redução da fadiga no grupo estudado, entende-se que há necessidade de ampliação dos estudos de intervenção para prevenção e manejo dos sintomas entre enfermeiros inseridos em situações inesperadas.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2024.104036>

EP-113 - FORNECIMENTO DE EQUIPAMENTOS DE PROTEÇÃO INDIVIDUAL SUFICIENTES PARA O USO - ATUAÇÃO DE ENFERMEIROS BRASILEIROS DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

Milton Jorge de Carvalho Filho,
Paula Cassa Pedrassi,
Ana Cristina Oliveira Silva,
Mayra Gonçalves Meneguetti,
Laelson Rochelle Milanês Sousa,
Renata Karina Reis, Elucir Gir

Universidade Nove de Julho (UNINOVE), São Paulo, SP, Brasil

Introdução: A pandemia da COVID-19 mudou o funcionamento padrão das instituições de saúde em todo os países, causou danos à saúde física e mental de profissionais de saúde que atuam na linha de frente de combate à infecção. Enfermeiros estiveram expostos a riscos elevados de contrair o vírus e adoecimento mental em decorrência do contexto pandêmico e das dificuldades de acesso a recursos materiais suficientes e de qualidade, como equipamentos Proteção Individual (EPI).

Objetivo: Analisar o fornecimento de equipamentos de proteção individual suficientes para o uso entre enfermeiros brasileiros que atuaram na assistência durante a pandemia de COVID-19.

Método: Foi realizado um estudo transversal por meio de uma pesquisa on-line com 5.112 enfermeiros de todas as regiões do Brasil, que incluía capitais e cidades do interior do país. Os dados foram coletados por meio de uma adaptação do método de amostragem orientada por respondentes para o ambiente virtual. O fornecimento de equipamentos de proteção individual suficientes para o uso foi identificado por meio da variável: "A instituição que você trabalha forneceu EPI em quantidade suficiente para o uso em 2022? (SIM/NÃO)". A associação estatística foi verificada por meio do Qui-Quadrado de Pearson.

Resultados: Participaram do estudo 5.112 enfermeiros. 4.442 (86,9%) receberam EPI suficientes para o uso, 4.116 (83,2%) eram do sexo feminino, 2.400 (48,5%) tinham pele de cor branca. As seguintes variáveis tiveram associação estatisticamente significativa com o fornecimento de equipamentos de proteção individual suficientes para o uso: assistência a pacientes quilombolas ($p=0,05$); trabalhar em instituições públicas de saúde ($p < 0,001$); trabalhar em instituições filantrópicas ($p < 0,001$) e prestar assistência em ambulatórios ($p < 0,001$).

Conclusão: Conclui-se que o fornecimento de equipamentos de proteção individual suficientes para o uso entre

enfermeiros brasileiros que atuaram na assistência durante a pandemia de COVID-19 foi associado ao tipo de instituição, assistência a pacientes quilombolas e prestar assistência em ambulatórios.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2024.104037>

ÁREA: HEPATITES VIRAIS

EP-114 - PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DAS HEPATITES VIRAIS NO ESTADO DE SÃO PAULO ENTRE 2010 E 2020

Arthur Mota Pinheiro, Beatriz de Moraes Pereira

Faculdade de Medicina de Marília (FAMEMA),
Marília, SP, Brasil

Introdução: As Hepatites Virais (HV) são causadas por diversos agentes etiológicos, com destaque para os vírus da hepatite A, B, C, D e E, os quais, apesar de possuírem afinidade comum pelo tecido hepático, apresentam formas de transmissão distintas e desenvolvem quadros clínico-evolutivos de diferentes gravidades. Considerando que o Sudeste é a região brasileira com maiores índices de HV, especialmente o estado de São Paulo, torna-se importante a realização de um estudo epidemiológico detalhado acerca da transmissão local dessa doença.

Objetivo: Analisar o perfil epidemiológico das HV no estado de São Paulo entre 2010 e 2020.

Método: Estudo epidemiológico descritivo retrospectivo com base em dados do Sistema de Informações de Agravos de Notificações do Sistema Único de Saúde (SINAN/DATASUS). Incluíram-se os casos confirmados de HV entre 2010 e 2020 no estado de São Paulo. As variáveis utilizadas foram ano do diagnóstico (2010-2020), sexo (feminino ou masculino), faixa etária (< 1 , 1-19, 20-39, 40-59, 60-79 e > 80) e fonte da infecção (Ign/bco, sexual, transfusional, uso de drogas injetáveis, vertical, acidente de trabalho, hemodiálise, domiciliar, tratamento cirúrgico, tratamento dentário, pessoa/pessoa, alimento/água e outros).

Resultados: Confirmaram-se 89591 casos, sendo 52607 homens (58,7%) e 36984 mulheres (41,3%). Em relação à faixa etária, predominam pessoas de 40-59 anos, com 44009 casos (49,2%), seguidos de 20-39 anos com 25344 (28,3%), 60-79 anos com 17044 (19%), 1-19 anos com 1891 (2,1%), > 80 anos com 1029 (1,1%) e < 1 ano com 274 casos (0,3%). Quanto à fonte da infecção, destaca-se a sexual, com 12429 casos (13,9%), seguida por uso de drogas injetáveis com 8286 (9,2%), transfusional com 5527 (6,2%), tratamento dentário com 2162 (2,4%), tratamento cirúrgico com 2079 (2,3%), pessoa/pessoa com 1419 (1,6%), domiciliar com 871 (0,98%), alimento/água com 598 (0,66%), vertical com 581 (0,65%), hemodiálise com 234 (0,26%) e acidentes de trabalho com 227 (0,25%), além das 3503 (3,9%) fontes classificadas como "outros" e das 51675 (57,7%) ignoradas.

Conclusão: A maioria dos pacientes com HV é do sexo masculino com idade entre 40-59 anos. A forma mais comum de infecção é a via sexual, justificando o fato de a faixa etária mais acometida ser a com vida sexual ativa. Ressalta-se que a